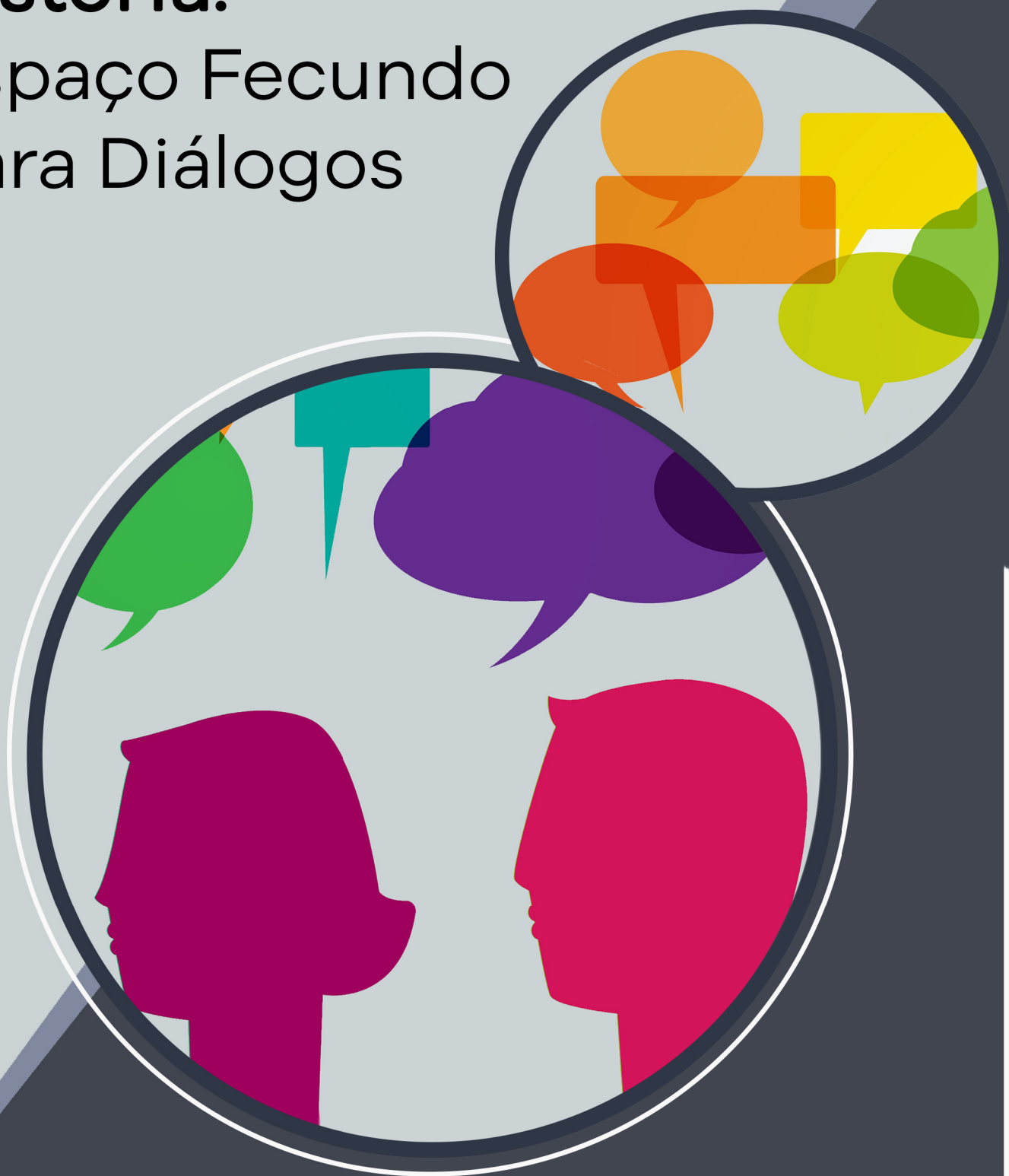


# História:

## Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira  
Elizabeth Johansen  
(Organizadoras)

**Denise Pereira**  
**Elizabeth Johansen**  
(Organizadoras)

# **História: Espaço Fecundo para Diálogos**

**Atena Editora**  
**2019**

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
H673	História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709  1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth.  CDD 907.2
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Elizabeth Johansen

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO	
<i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA	
<i>Gabriel de Souza Fagundes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888)	
<i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR	
<i>Douglas Pastrello</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES	
<i>Dehon da Silva Cavalcante</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)	
<i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL	
<i>Adelcio Machado dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX	
<i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927098</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)	
<i>Patrícia Carla de Melo Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>120</b>
PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	
<i>Gerson Luís Trombetta</i>	
<i>Monique Villani</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Samara Hevelize Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>145</b>
MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Fabíola Pezenatto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>157</b>
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA	
<i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i>	
<i>Daiane Silva Carvalho</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>170</b>
PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS	
<i>Paula Ribeiro Ciochetto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270915</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>180</b>
A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLETT-PR 1913 A 1945	
<i>Júlio César Franco</i>	
<i>Hélio Sochodolak</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>200</b>
RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)	
<i>Bruna Morrana dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>211</b>
SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950	
<i>Cristiane Lima Santos Rocha</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>219</b>
TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888)	
<i>Célio Augusto de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>228</b>
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO	
<i>Maralice Maschio</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270920</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>241</b>
“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR	
<i>Lucas Marques Vilhena Motta</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270921</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>254</b>
A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270922</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>265</b>
ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970	
<i>Ronaldo Zatta</i>	
<i>Ismael Antônio Vannini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270923</b>	



<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>276</b>
AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979	
<i>David Anderson Zanoni</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270924</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>291</b>
CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI	
<i>Simone Lopes Dickel</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270925</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>308</b>
DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i>	
<i>Natália Fraga de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270926</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>318</b>
CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL	
<i>Epaminondas Reis Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270927</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>326</b>
A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA	
<i>Jonatan dos Santos Silva</i>	
<i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270928</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>337</b>
A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	
<i>Gabriel da Silva Ferreira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270929</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>349</b>
A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834)	
<i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270930</b>	

<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>364</b>
A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO	
<i>Maria Lucia Cavalcante</i>	
<i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i>	
<i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270931</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>373</b>
A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938	
<i>Fabiana Mathias Roncatto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270932</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>384</b>
A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS	
<i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i>	
<i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270933</b>	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>393</b>
A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	
<i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i>	
<i>Douglas Proença de Santana</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270934</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>403</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>404</b>

## ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO

**Maralice Maschio**

FAMA – Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente  
Clevelândia-PR

**RESUMO:** No dia 31 de outubro de 2017, comemoraram-se os 500 anos da Reforma Protestante. Após cinco séculos, o Protestantismo passou por diversas transformações. Inúmeras igrejas e denominações religiosas surgiram com interpretações da Bíblia e diferentes formas de organização teológica. As comemorações e lembranças em todo o mundo desse movimento – que provocou um profundo impacto não apenas religioso, mas também político e social naquele contexto – possibilitam-nos a pensar o quanto o estudo do protestantismo é importante e atual, para além do âmbito acadêmico. Afinal, atualmente, no Brasil, apesar do Estado não ser confessional, verifica-se a presença de discursos de matrizes religiosas na cena política. Inclusive, nos últimos anos, é crescente a presença de lideranças evangélicas ocupando cadeiras parlamentares, trazendo em seus discursos elementos de diferentes vertentes do Protestantismo. Tendo em vista isso, construímos uma trajetória histórica para pensar permanências e rupturas nas construções dos pertencimentos religiosos, do Protestantismo aos palcos de denominações

religiosas recentes ou emergentes, como são mais conhecidas. Integrar ou pertencer? Eis um ponto de valor para nós. Daí a tentativa de mostrar o percurso, que é percurso, mas não é evolutivo e nem excludente. Afinal, a emergência não delimita a morte do que já partiu. É como pensar um carro em movimento, olhando a pluralização religiosa brasileira e igrejas e denominações religiosas como exemplos desse caldo tão diverso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Protestantismo; Pentecostalismo; Denominações religiosas emergentes; Percurso; Pluralidade evangélica.

### SOME HISTORICAL CONTRIBUTIONS TO THE BRAZILIAN EVANGELIC LAND COMPLEX

**ABSTRACT:** On October 31, 2017, the 500th anniversary of the Protestant Reformation was celebrated. After five centuries, Protestantism underwent several transformations. Numerous churches and religious denominations have sprung up with interpretations of the Bible and different forms of theological organization. The worldwide commemorations and recollections of this movement – which had a profound impact not only religious, but also political and social in that context – enable us to think how important and current the study of Protestantism is, beyond the academic real. After all, currently, although the state is not confessional, there is

the presence of discourses of religious matrixes in the political scene. Even in recent years, there is a growing presence of evangelical leaders of Protestantism. In view of this, we have built a historical trajectory to think about permanences and ruptures in the construction of religious belonging, from Protestantism to the stages of recent or emerging religious denominations, as they are better known. Integrate or belong? This is a point of value for us. Hence the attempt to show the course, which is a course, but is not evolutionary nor exclusionary. After all, the emergency does not limit the death of what has already left. It is like thinking of a moving car, looking at Brazilian religious pluralization and churches and religious denominations as examples of such a diverse broth.

**KEYWORDS:** Protestantism; Pentecostalism; Emerging religious denominations; Route; Evangelical plurality.

## 1 | INTRODUÇÃO

A partir das três vertentes oriundas da Reforma Protestante no século XVI: o Luteranismo, o Calvinismo e o Anglicanismo torna-se possível construir um trajeto histórico atentando para as igrejas evangélicas que chegaram ao Brasil desde o século XIX. Com tal percurso busca-se elucidar como se construiu um terreno religioso propício para a emergência de denominações específicas contemporâneas, deixando em aberto alguns questionamentos: qual a contribuição do Protestantismo/Pentecostalismo para o século XXI? Historicamente é possível lançar a hipótese de houve promessas não cumpridas que sirvam como chave explicativa para a proliferação de igrejas e denominações religiosas ou, até mesmo, dos cada vez mais evidentes trânsitos religiosos, especialmente entre evangélicos brasileiros?

## 2 | 'POR UM PERCURSO HISTÓRICO': OS EVANGÉLICOS NO BRASIL

Sob o ponto de vista religioso, os evangélicos brasileiros apresentam-se através de dois sujeitos: o evangélico/protestante, propriamente dito ou tradicional, juntamente com o evangélico pentecostal, e o outro representa o universo neopentecostal. Não esquecendo que o movimento religioso protestante já nasceu plural e pluricentrado. Para Mendonça (1997), a história protestante marcou rupturas e sinais de divergências em seu interior (as três Reformas Protestantes: Luterana, Calvinista e Anglicana) em que cada igreja cristã justifica a sua existência ao tentar, à sua maneira, levar adiante a missão que entende ter-lhe sido confiada por Jesus.

Paul Freston (1994) trabalhou com a ideia de ondas para explicar o fenômeno religioso do Pentecostalismo no Brasil ressaltando “de um lado, a versatilidade do pentecostalismo e sua evolução ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, as marcas que cada igreja carrega da época em que nasceu” (FRESTON, 1994, p. 71). A primeira onda é da década de 1910 com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã

e da assembleia de Deus. A segunda é dos anos 1950 e início dos 1960, com a Igreja Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor. A terceira onda começa no final dos anos 1970 e ganha força nos 1980 com sua representante máxima a Igreja Universal do Reino de Deus e outro grupo expressivo na Igreja Internacional da Graça de Deus.

Autores como Ricardo Mariano (2010) trabalham com as divisões pentecostais, abordando o último grupo como neopentecostal. A Igreja Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Renascer em Cristo, fundadas por pastores brasileiros, constituem as principais igrejas neopentecostais do país. No plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais. Mariano atribui o fenômeno à segunda metade dos anos 1970, com visibilidade e fortalecimento no decorrer das décadas seguintes. Atualmente, os movimentos avivados e pentecostais aparecem como a tendência dentro da cultura evangélica.

Estudos como o do antropólogo social Airton Luiz Jungblut (2007) tem observado o público evangélico, suas condutas e modos de ser nas últimas décadas, acreditando que a minimização do tradicional rigor puritano e do sectarismo de alguns grupos é a tradução do expressivo crescimento numérico dos segmentos evangélicos no Brasil. Magali Cunha (2007) caracterizou os últimos trinta anos como a explosão gospel. É a redefinição de uma espécie de novo modo de ser na igreja, relacionar-se com Deus, reinterpretar e relativizar doutrinas e costumes, entendido por ela como cultura gospel. Aproximando-se de trabalhos como o de Cunha, procura-se pensar os protestantismos e pentecostalismos dentro da chave cultural, como cenários que constituem a cultura, especialmente por intermédio de denominações religiosas desde suas origens até as Igrejas Emergentes, que especialmente se voltam para Jovens.

Para o entendimento do processo é necessário recuar um pouco no tempo. No contexto sociopolítico da década de 1970 houve a passagem entre o Milagre Econômico e o início de uma estagnação, com crise econômica em razão da crise do petróleo, em 1973. Com isso, o próprio setor empresarial que vivia os proveitos do regime militar começa a se afastar e a negar apoio ao regime, procurando outros caminhos com setores moderados e com o MDB para uma transição. Maria Hermínia T. de Almeida e Luís Weis (1998) discutiram questões cotidianas que envolviam a oposição da classe média brasileira, especialmente a mais intelectualizada (também composta por advogados, jornalistas, arquitetos, músicos, estudantes politicamente ativos), ao Regime Militar. Ao investigar aspectos como o trabalho, o risco do ofício, na universidade, na cultura do protesto, percebe-se que a clandestinidade, as prisões, a família, entre outros, que se configuraram como um clássico da história da vida privada do período da ditadura militar (ALMEIDA; WEIS, 1998, p. 327).

O Neopentecostalismo, consolidado entre os anos 70 e finais dos 90, no Brasil,

lançou as bases para profundas transformações no cenário evangélico, alicerçadas pela própria conjuntura vivenciada no país, quando não, apropriando-se dela para fazer valer suas propostas e estratégias receiptuárias de sucesso. Precisamos indagar em que medida tais estratégias se fizeram sentir no conjunto da população, quais grupos foram efetivamente atingidos, onde se verificam vazios e, se for possível identificá-los, qual sua real influência e capacidade de diferenciação dos movimentos anteriores (Protestantes/Pentecostais), bem como até que ponto alicerces foram criados para movimentos posteriores. Paul Freston (1994) apresenta o contexto brasileiro de formação do Neopentecostalismo ou terceira onda pentecostal da seguinte forma:

O país do pentecostalismo da 3ª onda adapta-se às mudanças do período militar: o aprofundamento da industrialização; o inchamento urbano causado pela expulsão de mão-de-obra do campo; a estrutura moderna de comunicação de massa que, no final dos anos 70, já alcança quase toda a população; a crise da igreja católica e o crescimento da umbanda; e a estagnação econômica dos anos 80 em contraste com a 2ª onda de igrejas paulistas fundadas por migrantes de nível cultural simples. A 3ª onda é, sobretudo, de igrejas cariocas fundadas por pessoas cidadinas de nível cultural um pouco mais elevado e pele clara. Iniciou-se no contexto do Rio de Janeiro marcado pela decadência econômica, pelo populismo político e pela máfia do jogo; o novo pentecostalismo se adapta facilmente com a cultura urbana influenciada pela televisão (FRESTON, 1994, p. 131-132).

A terceira onda pentecostal ou neopentecostalismo tem como representante máxima a Igreja Universal do Reino de Deus, criada em 1977, no Rio de Janeiro/RJ, e outro grupo expressivo com a Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1980, na mesma cidade/estado. Também são consideradas expressões do neopentecostalismo a Igreja de Nova Vida, iniciada em 1960, no Rio de Janeiro, a Comunidade da Graça, em 1979, também na mesma cidade/estado, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, em 1976, em Goiás, a Cristo Vive, em 1986, no Rio de Janeiro, a Renascer em Cristo, em 1986, em São Paulo, a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, em 1994, também em São Paulo, a Igreja Mundial do Poder de Deus, em 1998, em Sorocaba, entre outras. De acordo com Mariano (2010),

o prefixo *neo* mostra-se apropriado para designar a formação de um caráter inovador, na década de 70, que representou as dissidências pentecostais das Igrejas Protestantes, posteriormente nominadas de movimento carismático. São organizações abertas a todos indistintamente, que exigiam de seus clientes apenas o pagamento dos produtos adquiridos. Em seus cultos concede liberdade às expressões emotivas, propiciando catarse individual e coletiva, ênfase no diabo e na guerra espiritual contra os demônios, pouca inclinação à tolerância e ao ecumenismo, oposição aos cultos afro-brasileiros, crença vinda dos EUA difundida por literatura, utilização de meios de comunicação de massa, técnicas de marketing e estrutura empresarial. Pregação enfática da teologia da prosperidade, participação na política partidária e liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade (MARIANO, 2010, pp. 33-36).

Para discutir os protestantes e a política no Brasil, especialmente entre 70 e 80, Freston (1993) admite que denominações históricas como a Igreja Presbiteriana do

Brasil, desde os anos 60, perderam lideranças intelectuais e capacidade de reformar o mundo protestante. Geralmente dirigidas por membros das igrejas históricas, mas com certa penetração no meio pentecostal, elas representam o maior canal de influências do protestantismo histórico sobre o pentecostalismo e vice-versa.

O período democrático no Brasil permitiu visualizar a participação protestante na política, pois pelo efeito do regime militar, “a participação política protestante não se fará sentir até 1986” (FRESTON, 1993, p. 157). Apesar do contexto, no Nordeste e Centro-Oeste, as participações políticas notáveis entre os protestantes só acontecem a partir das eleições de 86. Nas demais regiões, o processo foi um tanto diferente, especialmente, desde 1950, em virtude do processo de urbanização e do crescimento dos evangélicos nessas localidades. O processo é explicado por Freston (1993) pela pulverização partidária pós-79, cujas forças políticas buscaram apoio renovado de determinados grupos, como os evangélicos.

Os anos de 1986 representam uma espécie de marco da erupção pentecostal na política, sendo a atuação política dos protestantes transformada com a entrada de candidatos oficiais, de igrejas pentecostais, na arena política. O núcleo da nova classe política evangélica segue trajetórias (destaques religiosos como evangelistas itinerantes, cantores ou apresentadores da mídia evangélica, capitais familiares de filhos ou genros de pastores presidentes e empresários pentecostais que fazem acordo com a cúpula eclesiástica). Dito isso,

A característica fundamental é a entrada em peso de deputados pentecostais, sobretudo da Assembleia de Deus. Essa novidade implica em uma nova dispersão geográfica e partidária, novo perfil social e novas trajetórias políticas. A AD é a igreja de extensão nacional por excelência; sua entrada provoca grande aumento na representação do Nordeste e do centro oeste, e dos estados menores do Norte. A característica mais importante, porém, é que a irrupção pentecostal não é fruto de iniciativas descoordenadas. Quase a metade dos parlamentares protestantes pós 1987 são candidatos oficiais de igrejas pentecostais, uma modalidade praticamente inédita. Há várias consequências disso. Inverte-se a tendência do período anterior de estar ligeiramente à esquerda da média do congresso. A nova tendência é mascarada inicialmente pelo inchamento do PMDB em 1986, mas com a implosão deste em 1988 a um refluxo para certas siglas que refletem a busca fisiológica que decorre da relação desses políticos com a comunidade religiosa, bem como a sua marginalização na vida partidária. A origem social da nova classe política protestante é mais humilde, evidenciada pela média educacional e pela cor. São pessoas que, pela origem, pelo tipo físico (o pentecostalismo é o único grande ramo do cristianismo fundado por um negro) e pelo discurso, tipificam a clientela de suas igrejas. Identificam-se com o estilo cultural do protestantismo popular mais do que com os estilos dominantes de discurso político. Por outro lado, não são pessoas médias de suas comunidades antes, são exemplares nos resultados da conversão, seja na liderança religiosa ou na ascensão econômica. Não são pessoas destacadas no mundo (secular) dos pobres; são pobres que se deram bem e se elegem pelo seu capital religioso e/ou econômico (FRESTON, 1993, p.180).

O ano de 1986 representou mudanças na Assembleia de Deus, a exemplo da repercussão do livro *Irmão vota em irmão*, do líder assembleiano e assessor do senado,

Josué Sylvestre. Textos bíblicos como “Quem sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado” e “Amai-vos uns aos outros” apoiaram a tese. Uma vez que o voto é secreto, essas passaram a ser armas fortes a disposição dos líderes para arregimentar os fiéis. A Igreja do Evangelho Quadrangular seguiu o exemplo da Assembleia de Deus. (FRESTON, 1993).

Conseqüentemente, a constituinte representou um momento em que seria possível reescrever o Brasil. De fato, a Assembléia Nacional Constituinte mobilizou muitas minorias e os pentecostais apenas seguiram a esteira. No entanto, a mesma Bíblia que, em momento anterior, justificou o apoliticismo, também passou a falar de um *Destino político manifesto dos Evangélicos*, herdeiros das promessas do antigo testamento, dando aos líderes da Assembleia de Deus a justificativa e a explicação de seu engajamento político pela ideia de duas ameaças: à liberdade religiosa e à família (FRESTON, 1993).

Além da família, o maior foco de interesse protestante foram os meios de comunicação. A subcomissão de comunicação foi presidida pelo batista Arolde de Oliveira, ex-ministro que fez carreira política na área das comunicações e ligou-se ao pastor Nilson Fanini. Nesse período, a bancada evangélica ganhou várias concessões de TV e rádio, transferidas para as respectivas igrejas. Duas votações influenciaram a imagem pública da bancada evangélica: a reforma agrária e o mandato de Sarney. Na primeira votação a posição dos evangélicos sobre a função social da propriedade produtiva foi decisiva. Embora 50% dos constituintes tenham votado a favor, somente 29% dos evangélicos o fizeram (25% pentecostais e 33% históricos). No caso do mandato de Sarney foi diferente. Matheus Iensen, da Assembleia de Deus, fez a emenda a favor de 5 anos, coletando mais assinaturas do que a emenda contrária do senador Maranhense, Edison Lobão. O fato serve como exemplo da utilização política da tradição apocalíptica da Assembleia – a culpa da má administração não era a de Sarney, confirmando a Bíblia de que o mundo iria mal quando estivesse perto do fim (FRESTON, 1993).

A Igreja de Nova Vida (1960) também foi um marco do período. Representou o berço da Igreja Universal do Reino de Deus e foi formadora de líderes como Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares. Fundada pelo canadense Robert McAlister, que rompeu com a Assembleia de Deus, em 1960, para investir num estilo de renovação carismática norte-americana, com incorporação midiática, organização centralizada e personalista (FRESTON, 1994). A Nova Vida nasceu na esteira de seu programa radiofônico *A Voz de Nova Vida*, sendo pioneira de um carismatismo de classe média e um estilo de liderança de pastores estrangeiros. No Brasil, atraiu pessoas de classe média-baixa, formando líderes que buscaram inovar o pentecostalismo de massa.

A história da Igreja Nova Vida tem seu início confundido com a própria história do bispo fundador, porque teve origem vinculada ao missionário, que trouxe para o Brasil uma nova forma de Pentecostalismo, diversa das tradicionais, em 1960. A história começou com os bisavós de McAlister, tendo ele participado de muitos eventos da



Rua Azusa, que deu origem ao Pentecostalismo, estando, hoje, na quarta geração de pentecostais da família, com mais de oitenta parentes missionários espalhados pelo mundo. Após o falecimento de McAlister, havia 50 igrejas no Brasil, juntamente com o Instituto Bispo Roberto McAlister de Estudos Cristãos, para preparar missionários. Atualmente, no Brasil, há aproximadamente 260 igrejas. McAlister, quando veio para o Brasil, implantou uma grande obra de evangelização conhecida como “Cruzada de Nova Vida”.

A Igreja de Nova Vida nasceu em 1960, após a transmissão, pela primeira vez, no Programa de Rádio *A Voz da Nova Vida*, Rádio Copacabana. Por intermédio do programa, McAlister fundou a primeira de muitas igrejas evangélicas renovadas no Brasil: a Cruzada de Nova Vida. O impacto da igreja, efetivamente, deu-se pela rádio. Em 1963, visando alcançar todo o Brasil, o missionário transferiu o programa para a Rádio Mayrink Veiga. A Rádio Guanabara também transmitiu o programa até ser transferido para a Rádio Relógio, comprada pela Igreja de Nova Vida, em 1967. A partir daí, a igreja ampliou seus programas, a exemplo do Café Espiritual. Constantemente, a audiência, que enfatizava a cura de enfermidades foi crescendo até que, em seu primeiro ano, lançou-se o primeiro livro do pastor *Perguntas e Respostas sobre a cura divina*, que se esgotou no primeiro mês, doado para quem escrevia para o programa.

A audiência e a participação dos ouvintes nos programas de rádio auxiliaram na criação presencial do Culto com os amigos do Pr. Roberto, na Praça da Penha, no bairro Tijuca/RJ, cujos encontros resultaram, no dia 13 de maio de 1961, no primeiro culto, de Dia das Mães, em salão fixo e com lugar específico. Os escritórios de gravação da Nova Vida também começaram a ser utilizados como gabinetes pastorais e foi inaugurada a primeira igreja de Nova Vida, em Bonsucesso/RJ, em 1965. No mesmo período, a antes “Cruzada de Nova Vida” passou a se chamar Igreja Pentecostal de Nova Vida e, depois, Igreja de Nova Vida, como permanece até hoje.

A questão da influência dos meios de comunicação na igreja é fator primordial para entender sua dinâmica. Em 1964, por exemplo, já circulava uma revista irregular, com 16 páginas, que vigorou até 1966, *A Palavra de Nova Vida*. Já em 1978, uma década depois, a Igreja iniciava o programa de TV, *Coisas da Vida*, sendo uma das pioneiras do uso da televisão como meio de evangelização. Muitos livros também passaram a ser produzidos, alcançando praticamente todo o Brasil. Hoje, a igreja está inserida também na tecnologia eletrônica/digital. Serve como exemplo o aplicativo *Nova Vida Família da Fé*, que após *download*, o usuário tem acesso às pregações, eventos, além de pode fazer pedido de oração, dar sua oferta e dízimo, pelo celular. Aliás, essa estratégia tem sido cada vez mais habitual no cenário evangélico, porque as igrejas têm buscado acompanhar o avanço da área de comunicação como meio de evangelização.

A primeira série sequencial da Igreja de Nova Vida é a do grupo da Igreja Universal do Reino de Deus (1977), que, antes de tornar-se tal, foi a Igreja da Bênção, de 1976. Esta, do mesmo modo que a Igreja de Nova Vida, contou especialmente com

investimentos em programa de rádio. Após a Igreja Universal do Reino de Deus, foi a vez da Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada em 1980, por R. R. Soares, cunhado de Edir Macedo, após um cisma na IURD (FRESTON, 1994). No que se refere à sua expansão geográfica, é possível admitir ser ela bastante desigual. É a religião das grandes cidades. Há forte concentração no Rio de Janeiro, secundariamente, em São Paulo e na Bahia. Ela também está no exterior: na América do Sul, Portugal, Estados Unidos e Angola, entre outros. De modo geral, ela segue uma estratégia de diferenciação no campo do Pentecostalismo, pois já se viveu a pregação protestante com Lutero, a avivalista com John Wesley e, por fim, saindo da mera pregação carismática para a pregação plena de: “Jesus Cristo salva, batiza com o Espírito Santo e liberta as pessoas que estão oprimidas pelo diabo” (FRESTON, 1994, p. 136). A Universal trabalha em camadas (assistentes, membros, obreiros e pastores), enfatizando os testemunhos. A igreja diverge do Pentecostalismo tradicional, na ética comportamental, em dois aspectos: “em áreas como vestuária, embelezamento feminino são mais liberais e não há controles disciplinares” (FRESTON, 1994, p. 136-137).

O processo reflete a realidade dos anos 80 no país, sendo composta por uma população imbuída de uma visão encantada do mundo, que enfrentava a transição do período de ditadura militar para o processo de democracia. Em se tratando dos evangélicos da Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, havia a crença de que o Planalto estava sob influências místicas desde o governo Figueiredo, cujas lideranças religiosas, desgostadas do período que, aos seus olhos, poderia ser visto como desordeiro, justificavam religiosamente os problemas, enfatizando a necessidade de serem promovidos exorcismos. Esse argumento seguiu aliado à percepção de que a conjuntura era gerada pelo declínio do catolicismo e pela ascensão da umbanda. É inegável o quanto esse processo estratégico obteve sucesso e passou a ser associado na mentalidade do povo brasileiro, pelo menos no que se refere ao campo neopentecostal em avanço (FRESTON, 1994).

Em 1989, Edir Macedo transferiu a sede da Universal do Rio de Janeiro para São Paulo, comprando a Rede Record e ajudando a eleger deputados federais, em 1990:

A disciplina eleitoral da IURD talvez seja a maior de todas as igrejas [...] Todos os eleitos alegam a necessidade de defender os interesses da igreja, sobretudo relacionados com a Rede Record como a razão de sua presença no Congresso [...] O posicionamento ideológico da igreja tem sido de apoio à candidaturas conservadoras e hostilidade à esquerda (FRESTON, 1994, p. 134-135).

A Universal não se caracteriza apenas pela atuação política e por ter um faro empresarial. Ela foi penetrando na sociedade brasileira com um conceito arrojado de missão religiosa: faz uso de aparato televisivo, emissoras de rádio, jornais, gráficas, construtora para erguer os templos, fábrica de móveis para mobiliá-los, banco para

facilitar as transações financeiras. Desse modo, ela pode ser vista como uma das portas de entrada, no Brasil, de uma corrente norte-americana da segunda metade do século XX, conhecida como Teologia da Prosperidade (TP), que adentrou nas igrejas históricas com a renovação carismática, representando mais uma etapa do declínio da ética protestante, cuja mola propulsora é a confissão positiva: “se você quer ser uma pessoa de sucesso nunca confesse dúvidas, temores ou doenças. A pobreza é resultado da falta de fé. Para prosperar doe como um investimento a Deus e ele te devolve com lucro” (FRESTON, 1994, 146-147).

Na década de 90, muitos escândalos envolvendo a Universal promoveram quedas numéricas, inclusive, na denominação religiosa. São exemplos os conjuntos de denúncias e investigações da Polícia Federal e da Receita Federal sobre a origem do dinheiro para a compra da Rede Record. Denúncias do ex-pastor da Universal, Carlos Magno de Miranda, a respeito do envolvimento de Macedo com lavagem de narcodólares, bem como o processo movido por um grupo de ex-membros, por estelionato, curandeirismo e charlatanismo, foi o que suscitou as investigações (FRESTON, 1994).

Também com raízes na Igreja de Nova Vida, mas dissidente da Igreja Universal do Reino de Deus, está a Igreja Internacional da Graça de Deus. Ao cismar com o bispo Edir Macedo e separar-se da Universal, R. R. Soares fundou-a. No final dos anos 90, a maior parte dos templos da Igreja Internacional da Graça de Deus conservava-se no sudeste brasileiro e era quase ausente na região norte. R. R. Soares comanda o televangelismo e a organização eclesiástica da denominação religiosa, mas não participava da administração burocrática, pois ela se centralizava no Rio de Janeiro. A sede é caseira se comparada à milionária estrutura da Universal, atraindo público de classe-média-baixa. Ademais, usa maciçamente a TV, têm líderes carismáticos, pastores jovens e sem formação teológica, é liberal quanto aos usos e costumes de santidade pentecostal (MARIANO, 2010). Manifesta preferência pela TV em detrimento do Rádio. Sua estratégia é proselitista, com audiência feminina pobre, idosa e de pouca escolaridade (MARIANO, 2010). O programa R. R. Soares foi o primeiro programa evangélico a ser transmitido em rede aberta nacional, em horário nobre. É farto em promessas e seleção de testemunhos de cura, prosperidade e libertação de demônios, comprovando as promessas (MARIANO, 2010). No caso dos neopentecostais, o proselitismo é uma característica, mas, comprovar os seus milagres por intermédio de testemunhos, é parte da receita para o sucesso.

Concomitantemente dialoga-se com a Igreja Renascer em Cristo, valorizando a prática em incorporações midiáticas, a atuação na sociedade evangélica e secular, bem como sua atuação com estratégias voltadas aos jovens. Apesar da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra já desempenhar estratégias semelhantes, anteriormente a ela, a Renascer em Cristo ajudou na formação de várias lideranças religiosas, a exemplo do apóstolo Rinaldo Luiz de Seixas Pereira (Rina), fundador da Bola de Neve Church e o Pr. Antônio Batista, da Comunidade Zadoque, que deu origem a

Comunidade Gólgota em Curitiba, nosso objeto de pesquisa na Tese de Doutorado em História, defendida pela UFPR, em 2018.

A denominação religiosa foi fundada em 1996, em São Paulo, pelo casal Estevam Hernandez Filho, ex-gerente de marketing da Xerox do Brasil e da Itaotec, e Sônia Hernandez, nutricionista e ex-proprietária de uma boutique feminina. Ele, oriundo de família espanhola e tradição católica, teve, por influência da avó materna, os pais convertidos na Assembleia de Deus. Ingressou aos 20 anos na Pentecostal da Bíblia do Brasil, pertencente a segunda onda, além de ter frequentado a Cristo Salva e a Evangélica Independente de Vila Mariana, das quais adotou a ênfase musical como recurso evangelístico. Já a esposa, teve família oriunda da Presbiteriana Independente, cujo pai é presbítero.

As reuniões que tiveram início numa pizzaria deram certo, crescendo rapidamente e ganhando visibilidade, pois “no final de 1998, a Renascer, como ficou conhecida, contava com mais de 300 templos, a maioria em São Paulo, embora já estivesse presente em metade dos estados brasileiros e no exterior (Uruguai, EUA, Espanha, França e Portugal)” (MARIANO, 2010, p. 101). Em 1995, ela adotou governo eclesiástico episcopal, com a promoção de Hernandez a apóstolo. A maioria dos pastores é remunerada e cerca de 10% são do sexo feminino. Esposas de pastores ocupam cargo de presbítero e desempenham a função de co-pastoras. Alguns anos antes, em 1990, a Fundação Renascer foi criada; entidade pública municipal e federal, que administra a denominação, centraliza e gerencia os recursos das congregações e custeia suas filiais. Os bispos são encarregados de formar novas congregações, supervisionando e gerenciando uma média de 10 templos cada um, comandados pelas sedes regionais (MARIANO, 2010).

Detentora da patente da marca gospel no Brasil, a Renascer possui rádios, emissora de TV, Editora Renascer, *Jornal Gospel News*, Instituto Renascer de Ensino (do maternal até a terceiro ano da fase I), cartão gospel Bradesco visa e uma livraria *point* gospel, cujo lucro vai para cada pastor local. Possui a gospel *rock* café, casa noturna com música ao vivo, loja de *suvenires* gospels, sem bebidas alcólicas e cigarros, além da gravadora Gospel Records. Comanda megaeventos (festivais, shows evangelísticos em estádios e a Marcha para Jesus), em São Paulo, e encabeça o movimento gospel. Nota-se, com isso, que a Renascer centra seu esforço proselitista na mídia eletrônica, tendo ingressado na TV no final de 1992, veiculando programas na rede manchete. No final de 1996, tornou-se sócia do canal 53, controlando a programação da TV gospel, captada pelas TVs pagas Multicanal, NET e TVA. A música gospel em ritmo de rock, rap e funk ocupa parte extensa da programação no rádio e na TV. O programa *De bem com a vida*, apresentado por Sônia Hernandez, veicula testemunhos de conversão, cura, prosperidade e restauração de relacionamentos conjugais para casais da classe média (MARIANO, 2010).

Liberal quanto aos usos e costumes de santidade, a Renascer atrai os jovens, sobretudo de denominações evangélicas mais tradicionais, das quais cerca de ¼ dos

fiéis já haviam sido arrebanhados pela denominação religiosa, ainda na década de 90. Além dos jovens, abriga empresários e profissionais liberais, para os quais criou cultos especiais e formou a AREPE (Associação Renascer de Empresários e Profissionais Evangélicos). De acordo com Mariano (2010), os convertidos são encaminhados para os grupos de comunhão e desenvolvimento, onde se reúnem semanalmente em residências para formar laços de amizade e redes de sociabilidade.

No plano assistencial, a igreja oferece alimentação, vestuário e banho para menores abandonados. Distribui alimentos em ônibus em São Paulo, atua em presídios femininos, mantém lar abrigo para crianças carentes sem família, além de que, em favelas, possui construções nas quais fornece cestas básicas, oferta padaria-escola, médicos, dentistas, assim como voluntários ministram cursos gratuitos de cabeleireiro, corte e costura, alfabetização, inglês, computação, prevenção de doenças, recuperação de drogados e atividades para crianças, mulheres e casais. No que se refere à política partidária, ela se posiciona a favor das candidaturas de evangélicos a vereador, deputado estadual e federal, mas, de modo geral, é contra candidatos de partido de esquerda em disputa por cargos majoritários, até porque foi declarado “sua posição antipetista desde 1994” (MARIANO, 2010, p. 102-103).

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão contida no texto permite uma abertura para elencarmos uma série de características e estratégias das quais pertencem e/ou fazem uso as denominações religiosas neopentecostais. Acompanhar o desenvolvimento da urbanização brasileira, o êxodo rural, a política durante a ditadura militar e, conseqüentemente, o período de redemocratização do país, o desenvolvimento das classes médias brasileiras, a difusão midiática por literatura, rádio, TV, gravadoras e gráficas. Também acompanhar o contexto norte-americano evangélico desde os anos 50, cujos pastores nacionais se espelham, quando não, convidar para alguma conferência em seus templos e eventos.

Há também inúmeras denominações religiosas, voltadas para públicos desigrejados, possivelmente cooptados por novos movimentos religiosos, bem como para aqueles que não se encaixam em igrejas com práticas mais tradicionais, como a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Igreja Renascer em Cristo, as quais traçaram estratégias, ao longo dos anos, mirando a mocidade brasileira e pontuando não apenas as clássicas distinções entre o protestantismo histórico, de missão, mas das três ondas pentecostais como um todo. Essas são características que denotam identidades consolidadas e, ao mesmo tempo, vazias, não apenas entre posturas eclesiais, como também entre a própria conjuntura brasileira e internacional em andamento. Conforme as igrejas crescem e surgem outras, as posturas vão mudando, as estratégias também, enquanto que os evangélicos se desenham a partir da imensa

pluralidade que há entre eles.

Vários jovens não encontraram espaço, durante muito tempo, nas tradições de origem familiares (os próprios movimentos/trajetórias dos líderes fundadores de igrejas apontam para descontentamentos vivenciados por cada época, por cada geração), perfazendo trânsitos religiosos. Diante desse vazio deixado pelas igrejas mais tradicionais alguns deles tornaram-se desigrejados, mas outros fundaram denominações religiosas específicas, por classe socioeconômica, grau de escolaridade, faixa etária e pertencimento cultural (estilo/estética, por exemplo) em comum.

É possível inferir aqui o caso de igrejas como a Comunidade Zadoque, a Comunidade Gólgota e outras do cenário evangélico brasileiro, que, principalmente ao longo dos anos 90 e 2000, construíram identidades culturais direcionadas aos roqueiros, visíveis por suas bandas de *rock gospel*, seus palcos cultos com *shows* em forma de espetáculo. Isso desenha um elenco de permissões e privações para um público, especialmente jovem, que não encontra abrigo, refúgio e pertencimento em igrejas de cunho mais tradicional. Eis um pouco do terreno que desenhou os evangélicos do final do século XX e início do XXI, assim como da possibilidade de se perceber traços que denominações religiosas mais recentes carregam dos períodos anteriores, das influências nacionais e internacionais com as quais se depararam, além de indicativos no intuito de contribuir para o entendimento da dinâmica dos evangélicos no tempo presente, cada vez mais evidente em várias esferas da sociedade brasileira e global, a exemplo da política e dos meios de comunicação. Eis um pouco do que pretendeu este trabalho, muito mais em questionamentos e evidências do que em resposta, talvez uma breve amostra do ofício do historiador e suas investigações científicas nas Ciências Humanas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Hermínia T. de; WEIS, Luiz. “Carro Zero e Pau de Arrara: O cotidiano da oposição de classe média ao Regime Militar”. In.: SCHWARCZ, Lília Moritz. (Org.). **História da vida privada no Brasil, 4: Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. P. 319-410.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil: da constituinte ao Impeachment**. Campinas/SP: Unicamp, 1993.

FRESTON, Paul. “Breve história do pentecostalismo brasileiro”. In.: ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

JUNGBLUT, Airton Luiz. “A salvação pelo rock: sobre a ‘cena underground’ dos jovens evangélicos no Brasil”. In.: **Religião e Sociedade**, v. 27, n. 2. Rio de Janeiro, dez. 2007.

MARIANO, Ricardo. **Neoentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 3ª ed. São

Paulo: Loyola, 2010.

MENDONÇA, Antonio Gouvêia. **Protetantes, pentecostais e ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Denise Pereira** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

**Elizabeth Johansen** - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

### C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

### D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

### E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

### F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

## **G**

Giro decolonial 5

## **H**

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

## **I**

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

## **L**

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

## **M**

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

## **N**

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

## **P**

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

## **R**

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

## **S**

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

## **T**

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

## **V**

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,  
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-650-8

